



01 — 05 — 20

Quando Estamos Apartados Não Estamos Sozinhos

UMA CONVERSA COM
FRED MOTEN E STEFANO HARNEY
POR ZACH NGIN, SARA VAN HORN & ALEX WESTFALL

Texto publicado originalmente como “When We Are Apart We Are Not Alone” em *The Indy*¹ em 1º maio de 2020.

Na primeira edição do semestre, publicamos uma reflexão sobre *The Undercommons*, de Fred Moten e Stefano Harney, livro que nos mantém perto, que insiste em nos fazer desaprender e reaprender a estudar e que, “mais do que tudo, se oferece como um espaço social: onde colidem frases e sons e citações recolhidas do mundo e dadas ao mundo. O livro deposita suas esperanças nessas colisões, no toque entre pessoas e objetos e palavras que – embora fugazes – mudam tudo”.

¹ The College Hill Independent é uma publicação escrita, ilustrada, projetada e editada por estudantes da Brown University e da Rhode Island School of Design, Estados Unidos da América do Norte.

Nos meses que, desde então, se passaram, o “toque” transformativo assumiu um significado diferente e mais sombrio. Para a edição do final de semestre, procuramos os autores para perguntar como eles estão reagindo ao momento presente. Eles tiveram a gentileza de compartilhar conosco algumas reflexões sobre as distâncias da pandemia, as demandas das instituições e sua colaboração de longa data. Convidamos vocês a entrar no tempo roubado – o ritmo, a pulsação, o balanço – de suas palavras.

The *Indy*: Onde cada um de vocês está agora? Como vocês estão e como estão absorvendo e respondendo a esses tempos? Vocês estão dando aula e como vocês estão dando aula?

Moten e Harney: Stefano está em Brasília (Brasil) e Fred está na cidade de Nova York (EUA). Não é incomum para nós estarmos em cidades diferentes e de frequentemente estar também em diferentes hemisférios e continentes. Passamos o máximo de tempo possível juntos e com nossas outras colaboradoras, pois para nós, estarmos apartados muda o balanço das coisas. Quando estamos juntos, nós saímos. Nós nos divertimos. Quando estamos apartados, escrevemos juntos. Então, por um lado, esses tempos não tem sido assim tão diferentes. Eles também não estão tão diferentes porque nós saímos e escrevemos e lutamos na emergência geral. Nessa emergência, as sirenes não param há 500 anos. Nessa emergência, você se abriga, só que em conjunto, e não em *um* lugar, mas no movimento.

2 Em inglês, “groove”.

3 Em inglês, “swing”.

Fred está lecionando. Stefano foi demitido de seu emprego de professor em Singapura em junho de 2019. Ele fez o máximo possível para merecê-lo. Como resultado, Stefano não entrou mais no ensino online, embora, de todo modo, isso tenha sido por muito tempo uma faceta do ensino em faculdades de administração de empresa e de gestão de negócios. Fred está agora no modo online, pela primeira vez, participando de uma realidade que há muito existe não apenas no ensino de faculdades de administração, mas também em faculdades comunitárias e no ensino superior que visa o lucro, onde alunas que trabalham ou que tenham de outra forma sido excluídas da experiência universitária tradicional, com todas as suas facilidades e todas as suas estruturas de abuso, vêm tentando obter o que precisam da ou compartilhar suas necessidades na universidade. Nós não temos advogado nem pelas alegrias da sala de aula, como se fossem acessíveis a todas e para todo o bem, nem abdicamos da responsabilidade de radicalizar esse espaço para o trabalho e o brincar; mas nós também não aceitamos simplesmente a imposição de protocolos de ensino à distância ou os rejeitamos a partir da posição de um moralismo hedonista que o professorado costuma ocupar e pelo qual costumam fazer sua profissão quando têm o que geralmente é considerado um bom emprego em uma boa universidade. Estar em movimento e em abrigo, juntos tentamos trabalhar com o que temos e com quem estamos, a contrapelo dessa nova imposição de escassez, mas no desfrute do nivelamento que ela nos induz.

The Indy: Na última seção de *The Undercommons*, vocês falam sobre estudo como “o que você faz com outras pessoas. É conversar e andar com outras pessoas, trabalhar, dançar, sofrer, alguma convergência irreduzível dessas

três coisas”. Há uma fisicalidade poderosa em muitas das imagens no livro, uma sensação de vivacidade e espaço compartilhado, embora não queiramos dar a entender que o conceito privilegia certas formas de estar junto em detrimento de outras. Mas estamos curiosas sobre como nossas práticas de estudo podem acomodar o tipo de distância entre as pessoas que se sentem intensificadas e involuntárias neste momento, seja por uma questão de fuso horário, geografia ou “contexto”, seja lá o que for que isso possa significar. Vocês dois se conheceram na faculdade e agora lecionam em lados opostos do mundo. No momento, estamos escrevendo para vocês de três cidades diferentes. Vocês poderiam falar um pouco sobre como vocês dois continuaram conversando e colaborando através do tempo e do espaço?

Moten e Harney: Bem, quando estamos apartados, não estamos sozinhos. Estamos aparte, mas com outras pessoas, elaborando nossa parceria por meio de outras pessoas e nos reunindo em diferentes configurações. Não há socialidade sem união, porque estar aparte tenta você a pensar que está sozinho, ao invés de aparte. É o capitalismo, (que é) o distanciamento social. Queremos nos abraçar, como diz nosso amigo Fumi Okiji, “sem nos prender a nada”. Isso é coisa nossa. A coisa do capitalismo são fechaduras e distanciamentos e escassez. Não só não podemos perder de vista o fato de que os sistemas de saúde do mundo precisam entrar em colapso, mas também que precisamos abarcar não apenas nossa saúde, mas também nossa saúde-adoecida, e segurá-las até que essa distinção nefasta se vá. Porque essa distinção é um produto do sistema de saúde que, por sua vez, é apenas o acerto institucional trabalhando nas divisões artificiais da sociedade capitalista.

Vocês já estão colaborando, vocês três, de uma forma em revolta contra a individuação. Mas observem o que acontece enquanto vocês se movimentam através da instituição, seja a universidade, o hospital, o governo, a ONG, a empresa de economia criativa. Aprimoramento, avanço, reconhecimento, são todas ferramentas de individuação derramadas nas pessoas por seu próprio compromisso em melhorar, avançar, reformar, reorientar a instituição. Esse é um lugar onde está a luta, para ficar dentro e contra, mas realmente contra, estar em cumplicidade da forma mais corrompida possível.

+++

The *Indy*: Seus comentários sobre essa distinção entre saúde e saúde-adoecida são arrebatadores porque há semanas estamos recebendo e-mails de nossos administradores sobre como proteger a “saúde financeira” desta instituição. Essa linguagem da saúde sempre esteve agrilhoadada às lógicas governantes de segurança e ordem do capitalismo racial. Nossa rápida (re)voltas à austeridade nos lembra, também, de seus trabalhos anteriores sobre a reciprocidade da dívida – dívidas que, em seu interminável voo, nunca podem ser reembolsadas ou quitadas. Estamos vendo histórias sobre carências e déficits históricos e ouvindo pedidos de adiamento e perdão. O que as universidades, em particular, devem às suas comunidades agora – em uma época em que eles (literalmente) renegaram a sua promessa de abrigo? E, como “dever”, como condição, pode ajudar a elaborar um mundo após essa emergência (geral)?

Moten e Harney: Correndo o risco de ser brusco demais e direto sobre isso, o que tem sido o modelo americano? Quais são seus termos de ordem, como diria Cedric Robinson? O modelo estadunidense é ficar um passo à frente, ser líderes, os criadores de mudanças, disruptores, em uma e apenas uma coisa. Os Estados Unidos são o número um, e sempre tem sido, quando se trata de mais-valia absoluta. Por quê? Porque os termos da ordem foram construídos na América para permitir que o modelo trabalhe as pessoas até a morte. Os Estados Unidos ultrapassam os limites da inovação quando se trata de trabalhar pessoas até a morte. Agora, é claro, outras partes do mundo também tentam isso. Mas nós somos o número um. Porque sempre entendemos que se você vai experimentar com trabalhadores até a morte você tem que ser capaz de substituí-los rapidamente. E você tem que substituí-los de forma barata ou as vantagens que você obteve ao esticar seus trabalhadores até a morte serão perdidas. Se você pode sustentar isso, você tem o que é chamado na “América” de economia saudável. É tão verdadeiro no Brasil, quanto no Haiti, quanto nos Estados Unidos ou no Canadá, mas é claro que os Estados Unidos são sempre o primeiro motor. A escravidão do Novo Mundo funcionava dessa maneira. Os latifúndios funcionavam assim. As fazendas Oxnard operam esse caminho. O InstaCart⁵ funciona dessa forma. Porque no modelo estadunidense, a introdução de regimes de mais-valia relativa não serve para substituir estratégias de mais-valia absoluta, mas para estender elas. Porque no modelo estadunidense não há nada de errado em a mais-valia absoluta como estratégia, porque não há nada de errado

5 InstaCart é uma empresa estadunidense especializada no transporte de produtos alimentícios por meio da contratação de entregadores independentes, utilizando um aplicativo.

em matar sua força de trabalho. Nunca houve e ainda não há. Nenhum relatório de inspetor de fábrica mudará isso. Nós dissemos tudo aquilo para que também possamos dizer isso. Universidades não devem nada a comunidades. Universidades não devem a e não têm, ou participam em, comunidades. Quando foi a universidade alguma vez outra coisa s e não uma instituição dedicada às sórdidas inovações acima descritas? Universidades não devem, elas obrigam; elas não dão, elas impõem. São como quase todas as outras instituições onde trabalhadores vão trabalhar. Trabalhar em uma – seja você aluna, professora, zeladora ou jardineira ou uma contadora ou uma bibliotecária ou qualquer outra pessoa tentando viver, comer, estudar e resistir à administração e ao chamado para administrar – não faz de você uma pessoa boa ou má. Isso te torna parte de uma força de trabalho com níveis variados de consciência sobre a coação sob a qual você está. Como as coisas estão agora, se você ainda não sabe, está chegando mais perto de saber. A universidade não pode dever. Não sabe como. Não sabe saber que dever é bom e possuir é ruim. Estamos interessados no que devemos a nós mesmos e parte disso está vinculado a tudo que nós tivemos que tirar da universidade, assim como tudo o que temos que retomar da universidade.

The *Indy*: Estamos interessadas não somente no que as universidades devem às suas comunidades, mas também em como podemos nos orientar para a universidade para ser cúmplice, como vocês dizem, da “forma mais corrompida possível”? Para esse fim, quais estruturas vocês consideram úteis para pensar por meio de como podemos demandar, abrigar-se em, ou de outro modo “roubar o que pudermos” da universidade?

Moten e Harney: Isso segue sendo algo sobre o que pensamos o tempo todo, e parte de como pensamos sobre isso está contida em nossa resposta à sua envolvente próxima pergunta. Mas vamos começar com essa frase “roubar o que pudermos”. Claro, tivemos reitores pensando que isso significava que nós iríamos levar a copiadora pela porta dos fundos. Mas, como temos certeza de que vocês entenderam, a principal coisa de que estamos falando sobre roubar nessas passagens é o nosso tempo – nosso ritmo, nossa pulsação, nosso balanço⁶, o que Amiri Baraka chama de nosso boom boom ba boom, e nossa capacidade de moldar tudo isso. É evidente que estamos realmente falando em roubá-la de volta. E esta não é uma formulação sobre professoras sobrecarregadas, embora, é evidente, a universidade tente extrair cada vez mais de todas as suas trabalhadoras. É sobre todo o povo que trabalha sob administração – a principal força de trabalho, estudantes, funcionárias administrativas, zeladoras, cozinheiras, etc. E o que faremos com esse tempo roubado, brutalmente processado em trabalho e depois força de trabalho, quando o expropriarmos? Primeiro, retornar a força de trabalho por meio do corpo trabalhador individual e no trabalho e no jogo da carne animada comum engajada na prática comum. A pergunta que tudo isso levanta é: podemos ser mais do que os “fora da lei” de Fanon? Lembrem como ele escreve sobre o “fora da lei” colonial como um herói do povo, não porque ele ou ela possua uma consciência revolucionária, de todo modo, de acordo com Fanon, apenas porque esse bandido rejeitou a autoridade colonial e a norma da lei colonial. Em outras palavras, como a nossa rejeição à lei da universidade pode ser algo

6 Em inglês, “*our groove, our pulse, our swing*”.

mais do que essa resistência individual e, em última análise, simbólica? Bem, é tentador dizer que não podemos. É tentador dizer, com certa bem forjada autoaversão crítica, que nada construímos fora da universidade, que nosso trabalho não significa nada fora da universidade, que a maneira como agimos implica em que não precisamos de nossas comunidades (exceto para escrever sobre elas como fonte material), que só queremos fornecer “políticas” para os nossos movimentos, de modo que nossas solidariedades além da universidade podem ser resumidas simplesmente – não vivemos com ou mesmo perto com a nossa gente, e a nossa gente não faz reclamação para nós, ou sobre nós, por razões compreensíveis, dado como temos nos comportado. É tentador dizer tudo isso, porque é verdade e a pandemia vai provar isso. É tentador armar para essa fora da lei, para essa fuga de búfalo com nosso trabalho roubado, sabendo que você não terá para onde ir e ninguém com quem ir com você, deixando você em um estado de demanda constante, solitária e neurótica, onde você pode ser o seu melhor eu ou viver sua melhor vida ou pelo menos viver a vida na qual não se é ruim, não se é cúmplice, embora toda a performance dessa bondade sempre pareça conduzir em direção a uma petição frenética e arquivada serialmente para compartilhar a governança da instituição que te mutila. Sim, é tentador dizer tudo isso, porque é tudo verdade. É apenas muito mais desse jeito do que isso seja verdade. Nós estamos tentando aprender daquelas que se recusam a deixar que seja completamente verdadeiro. Porque o que rola é que o que estamos tentando roubar de volta o que nos foi roubado, o que nunca pertenceu a ninguém. É o que nós compartilhamos.

The Indy: Muito do seu trabalho encena uma colisão (ou cumplicidade, para usar uma palavra de vocês) entre prosa e poesia, estética e política, teoria e práxis. Estas são distinções fraudulentas para sustentar, mas nós queríamos perguntar como vocês concebem o emaranhado de teoria e prática atualmente. De dentro e contra os modelos de autoria individual que a academia nos oferece, o que faz com que o trabalho teórico valha a pena de ser feito?

Moten e Harney: Nós acreditamos que veremos o que acontece com o complexo industrial do mundo da universidade-arte à medida em que o capitalismo tenta consolidar-se a si mesmo em face a essa pandemia. Quando este complexo está cantarolando que tem a sua própria versão de juntar essas coisas. Ele consegue fazer isso especificamente com base no fornecimento de conteúdo, integração vertical e inovação de produtos. A artista gênica e a crítica que deve supostamente saber sobre ela é uma combinação favorita de entradas distintamente separadas.

Assim, nós tentamos trabalhar de maneira diferente com nossas amigas que são artistas, adentrando na prática artística ao invés de certificá-la. Isso é algo que você pode ver em nossas amigas Arjuna Neuman e Denise Ferreira da Silva. Os filmes que fazem borram as coisas, mesmo quando as paisagens estão tão nítidas como devaneios através da tela. Mas parte disso é que, se você está realmente comprometida em trabalhar coletivamente, precisa renunciar a parte de sua preciosidade em prol do estilo. Você tem que experimentar e a única coisa que se sabe é que o estilo acadêmico aceitável

é um máquina de individuação e deve ser totalmente rejeitada. Evidentemente, como vocês disseram, somos cúmplices neste local de trabalho e, às vezes, temos que usar um pouco deste e lidar com o fato de sermos usadas e abusadas por este. Mas tudo, da citação aos direitos autorais, à autoria, fazer palestras públicas é desenhado para individualizar o estudo. Queríamos estudar, ser abraçados pelo estudo negro e, às vezes, quando nos esforçamos muito, e na companhia de nossas amigas, descobrimos que nossas práticas de reunir, de pensar juntas, de nos movermos juntas, de investigarmos as coisas juntas, começam a diferir das da universidade, mesmo dentro da universidade, enquanto tentamos encontramos maneiras de sair da universidade, de nos aposentar, de entrar em recesso, de nos encontrar e depois de nos perder, em um antagonismo entre o estudo negro e a universidade, e entre a estética do estudo negro e o museu, que podemos compartilhar e cultivar.

The Indy: Nós encontramos sua colaboração pela primeira vez na forma do *The Undercommons*, seu livro de 2013. A sua colaboração tomou outras formas desde então? Ouvimos dizer que vocês têm um volume por vir, *All Incomplete*⁷, e adoraríamos se pudessem nos contar um pouco sobre esse projeto.

Moten e Harney: A nossa colaboração está baseada em 30 anos de amizade, embora tenha sido algo de que nós mesmos somente nos demos conta ao escrevermos juntos, algo que começou em algum momento há 15 anos atrás. De início, escrevemos apenas para descobrir

7 HARNEY, Stefano & MOTEN, Fred. *All Incomplete*, Minor Compositions (2021). [Ed. Bras.: *Tudo incompleto*. Trad. Victor Galdino e Vinícius da Silva. São Paulo: GLAC (2023).]

o que o trabalho na universidade tinha feito com a gente – como os trabalhadores da indústria automobilística podem dizer sobre como o trabalho lhes causou asma ou dores nas costas. Mas tínhamos mais trabalho a fazer do que trabalhadores da indústria automobilística, porque estávamos como uma presa daquele estranho apego não apenas ao trabalho, mas ao local de trabalho. Grandes militantes das montadoras automotivas, como o General Baker, nunca tiveram essas ilusões. Eles não estavam ligados à General Motors ou à Ford ou à indústria. O trabalho era exatamente onde eles lutavam. Era apenas o local da luta revolucionária e porque era apenas isso, e apenas e somente um tal lugar, outros locais de luta se abriram e não foram cortados pelo privilégio do trabalho. Mas nós, por outro lado, estávamos sob o perigo de pensar que a universidade era especial, que nossos trabalhos eram especiais e, portanto, de nos isolarmos não apenas de outros lugares e solidariedades de luta, mas do próprio trabalho, de estudo. Então, nossas primeiras colaborações tratavam de ajudar cada um de nós a se livrar da ideia individualizante e ilusória do intelectual solitário, crítico e subversivo, e de sua autoproclamada importância. O estudo é importante justamente porque não é especial. A academia – ou seja, a universidade como um negócio, o que sempre foi, e como uma instituição que faz o que Kant chama de atividade reguladora do entendimento – promove esse estar perdida no quão especial é a universidade, seja como especialmente boa ou como especialmente ruim e, em sendo assim, promove essa sensação nas acadêmicas de como somos especiais. E isso quer dizer que o que é fomentado é um modo particular de alienação, afastar o estudo das alunas. Nós temos sorte de termos um ao outro e toda uma liga de pessoas que seguem tentando nos tirar disso.

ZACH NGIN B'22, ALEX WESTFALL B'20 e SARA VAN HORN
estiveram abrigadas juntas.

Uma edição Elemental e Matéria Crítica Apoio Kunsthochschule für Medien Köln
Tradução Arnílcar Packer Revisão Hílário M. S. Zeferino e Vinícius da Silva
Design Diego Cruz



Apoio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este caderno foi produzido pelo programa
“Matéria Crítica para Massa Crítica”, para CASA-ESCOLA,
projeto pedagógico da Casa do Povo, em 2023.

